

PAREIDOLIA



Detalhe da produção do baralho Pareidolia na Pó de Vir a Ser durante a residência artística em Évora. Outubro de 2022.
Detail from the production of the Pareidolia deck of cards at Pó de Vir a Ser during the artistic residency in Évora. October of 2022.
© Mariana Mata Passos

Pareidolia

Beatriz Pereira, Carlota Jardim, Maria Abrantes

Carlota Jardim escreve ao abrigo do anterior acordo ortográfico e recorre à letra X para anular a definição de género. Carlota Jardim writes under the previous spelling agreement and uses the letter X to cancel the gender definition.

DA RELEVÂNCIA DOS AFETOS NO PROCESSO ARTÍSTICO DO PAREIDOLIA

MARIA ABRANTES (MA)

Sinto que, no processo do Dentes de Leão, e do projeto *Pareidolia* em específico, o papel relacional e afetivo foi mais importante do que qualquer outro. Foi a fundação do que ali foi criado, que partiu sempre do trabalho de grupo, do trabalho afetivo, de como é que trabalhámos enquanto coletivo. Ou seja, não é só uma questão emocional, é uma questão de compromisso com o grupo. A longa duração destes projetos permite essa intensidade afetiva. O tempo do projeto, inevitavelmente, cria relações (boas ou más, o tempo faz isso: conheces as pessoas, a sua roupa de todas as estações do ano bem como os seus altos e baixos).

BEATRIZ PEREIRA (BP)

Para mim, relacionar a parte afetiva e relacional com o meu próprio processo artístico tem a ver com escuta e, de alguma forma, com trabalhar a sensibilidade a partir de um ponto de escuta das individualidades e das personalidades. Mas tem também a ver com o espaço, as necessidades, os interesses e as eventuais ruturas ou dificuldades de cada um. Sinto que é dessa forma que faço essa relação.

CARLOTA JARDIM (CJ)

A minha área de actividade é uma área em que a criação é normalmente muito solitária (na pintura, estás normalmente sozinho no ateliê). Talvez tenha sido por isso que gostei da experiência de todos os processos artísticos se pautarem exactamente pelo crescer e pelo desbravar dessas relações afectivas. Fizemos muito para que isso precedesse certas premissas artísticas (que podiam ser mais individuais). Optámos por partilhar aquilo que sabíamos, aquilo que conhecíamos, e ser generosos uns com os outros, primeiro dentro do grupo de artistas, depois alargando aos outros grupos que surgiram dentro do Dentes de Leão. O papel relacional e dos afectos foi, de facto, o mais importante ao longo deste processo e foi um ato de criação em conjunto muito forte. Não só criou laços importantes para o futuro, em todos os grupos dentro do projecto, como me fez pensar nesse processo colectivo como um acto criativo importante, para lá de pensar a criação como meramente objectal ou conceptual.

ON THE IMPORTANCE OF AFFECTIONS IN PAREIDOLIA'S ARTISTIC PROCESS

MARIA ABRANTES (MA)

I feel that relationships and affections played a more significant role than anything else in Dentes de Leão's process, and specifically in the Pareidolia project – they were the foundation of what was created there, which always stemmed from the group work, the affective work, the way in which we worked as a collective. That is to say it isn't just about emotions, it is about committing to the group. The long duration of these projects allows for that affective intensity. The time of the project inevitably establishes relationships (good or bad, time does that: you get to know people, the way they dress throughout the year, as well as their ups and downs).

BEATRIZ PEREIRA (BP)

As I see it, associating affections and emotions with my own artistic process has to do with listening, and somehow with working sensitivity based on a listening point for everyone's individuality and personality. But it also has to do with each one's space, needs, interests and possible ruptures or difficulties. I feel that's the way I establish that relation.

CARLOTA JARDIM (CJ)

In my field of work, creation is usually very lonely (when you paint, you're usually by yourself in the studio). Perhaps that is the reason I enjoyed the experience of having every artistic process guided precisely by the growth and exploration of those affective relations. We put a lot of effort into placing that before certain artistic premises (that could be more individual). We chose to share what we knew, what we were familiar with, and to be generous with each other, first within the group of artists, and then with the other groups that emerged within Dentes de Leão. Relations and affections were indeed the most important thing throughout this process, and it was a very powerful joint act of creation. It not only established significant ties for the future in all the several groups within the project, it also made me think of that collective process as an important creative act, beyond the thought of creation being merely object-related or conceptual.

DA INCLUSÃO DOS JOVENS NOS PROCESSOS ARTÍSTICOS... NO GERAL

MA

Para mim, desde o início, havia uma expectativa de ter muito mais tempo com os jovens, de esse convívio ser o principal motivo de criação. Nós e os jovens no território. Por isso, ao longo do processo, havia uma certa angústia por eles não estarem presentes e não ser possível criar essa relação que existia entre os artistas (porque nós tínhamos esse tempo uns com os outros). Mas foi muito bonito, agora, no final, principalmente na Culturgest, sentir que os que ficaram e os que viveram o processo todo estavam realmente emocionados com o projeto e que obviamente não vão ficar indiferentes na sua forma de ver o mundo artístico e a sua capacidade de criar.

BP

Seguindo a tua linha, senti que houve uma parte que ficou com eles, que era muito mais invisível. Havia uma expectativa de conseguir perceber ou de conseguir ter um feedback mais claro da parte dos jovens e acho que isso criou frustração (ou pelo menos em mim criou). Mas, depois, já mais agora no final, foi interessante compreender que há muitas coisas invisíveis que ficam com eles e que eles vão partilhando de forma subtil. E contraria o sentimento de que alguma coisa ficou pelo caminho ou perdida.

CJ

Ainda em relação ao que estão a dizer... O projecto teve a duração de um ano para xs artistas e, de facto, tivemos todo esse tempo em conjunto, o que nos permitiu alcançar um certo nível de afecto e de participação. Com xs jovens, isso começou a acontecer mais efectivamente no final. Achamos que um ano é muito tempo, mas, de repente, só ao final de nove, dez meses é que vemos mudanças. É um desafio gigante trabalhar com pessoas de uma faixa etária muito diferente da nossa e que têm outras preocupações e outros horários. Como é que fazemos com que o nosso trabalho esteja mais próximo delxs e vice-versa? É realmente complicado.

MA

Estava também a pensar que o tempo de um jovem é muito diferente da nossa noção de tempo. A experiência de dormir uma noite fora com os outros grupos de jovens é uma coisa que eles nunca vão esquecer na vida.

CJ

Acho que, nas outras respostas (ver texto *Linha de Terra*, página 48), fui mais crítica. Então, agora, que tive mais tempo para responder, há diferenças. Mas é bom: sou a mesma pessoa a responder coisas diferentes.

ON INCLUDING YOUNGSTERS IN ARTISTIC PROCESSES... IN GENERAL

MA

As far as I'm concerned, I expected to have much more time with the youngsters from the start, I expected that interaction to be the main source of creation. We and the youngsters in the territory. That's why there was a certain angst throughout the process, because they weren't there and we couldn't establish that relationship that existed among the artists (for we had that time with each other). However, at the end, especially at Culturgest, it was very nice to feel that the ones who stayed and the ones who went through the whole process were truly moved by the project and obviously won't be unaffected in the way they look at the art world and in their ability to create.

BP

Along the lines of what you've said, I felt that a part of it stayed with them, which was much more invisible. I expected to be able to understand the youngsters or to get clearer feedback from them, and I think that was a cause for frustration (or at least for me). But later, closer to the end, it was interesting to realise there are plenty of invisible things that stay with them and that they share in a subtle manner, which counters the feeling that something fell by the wayside or was lost.

CJ

Still with regard to what you're saying... The project lasted a year for the artists, we did have all that time together, which enabled us to reach a certain level of affection and participation. With the youngsters, it in fact started to happen towards the end. We believe a year is a long time, but all of a sudden we only see changes after nine, ten months. It's a huge challenge working with people from a very different age group than ours and with different concerns and schedules. How do we bring our work closer to them and vice-versa? It's really tricky.

MA

I was also thinking that a youngster's notion of time is very different from ours. The experience of spending one night away from home with other groups of youngsters is something they'll never forget as long as they live.

CJ

I think I was harsher in my other answers [see the text on *Linha de Terra*, page 48]. Now that I've had more time to answer, there are differences. But that's good: I'm the same person answering different things.

DA INCLUSÃO DOS JOVENS NO PROCESSO ARTÍSTICO DO PAREIDOLIA

CJ

Eu acho que – e isto é um bocado geral –, pela falta de tempo e pela forma como os encontros estavam estruturados (eram bastante mediáticos), o que tentámos fazer com elxs tendeu para um modelo de oficina ou de exercícios aos quais xs jovens podiam dar resposta. Não é que não faça sentido, mas devia ter sido só uma fase inicial que, depois, devia ser maturada. Acho que precisávamos de criar um terreno em comum.

MA

Até para nos protegermos (e a eles) e manter uma coerência no projeto. Estávamos a corresponder a um certo nível de participação e, através do modelo de oficina, procurámos garantir que certa parte dos contributos vinha dos jovens. Isto é, garantir que o contributo vinha de forma justa e de jovens de todos os sítios, da forma que cada um decidiu participar. As frases que originaram as ilustrações são deles. E, sem eles, o projeto não seria assim. Mas, de qualquer forma, a participação foi limitada em relação à minha expectativa. Ainda assim, procurámos dar-lhes a mesma experiência que tivemos quando ilustrámos as frases. Experimentaram o processo, mesmo que em paralelo, do produto final. Os que estiveram no Sardeal, por exemplo, estiveram connosco a trabalhar o linóleo.

CJ

Sim, esse processo é complicado. Quando estamos a falar de terrenos artísticos e de trabalhar com pessoas “não profissionais”, já se cria um desnível, um desnível que existe porque temos formações muito específicas. Sem partir pedra – que é uma expressão muito usada durante o Dentes de Leão –, é difícil chegar a um sítio comum que seja satisfatório para toda a gente. Isto porque nós, como artistas, temos premissas estéticas e conceptuais que queremos partilhar, queremos um sistema de troca entre o que nós sabemos e o que as pessoas “não artistas” sabem. Para isso acontecer, temos de ter muito tempo ou, para mim, tem de ser com menos pessoas de cada vez. Para que não haja situações em que temos de tomar a decisão e assumir o controlo total sobre a estética, por exemplo. Não está errado, mas gostaríamos de ter feito de outra forma.

MA

Sinto muitas vezes um contrassenso. Estamos sempre a acreditar que qualquer pessoa é capaz de fazer, que qualquer pessoa é apta e pode estar disponível para a criação artística, mas o “qualquer coisa” pode ser irrelevante e improdutivo. É preciso balançar.

ON INCLUDING YOUNGSTERS IN PAREIDOLIA'S ARTISTIC PROCESS

CJ

Speaking in general, given the lack of time and the way in which the encounters were structured (they were rather newsworthy), I think that what we tried to do with them leaned toward a workshop model or exercises to which the youngsters could respond. It's not that it doesn't make sense, but it should only have been an early stage, which would then be matured. I think we needed to create a common ground.

MA

Not least to protect ourselves (and them), and to ensure the project was consistent. We were living up to a certain degree of participation, and we resorted to the workshop model to try and make sure that a certain part of the input came from the youngsters. That is to say, to make sure that the input was fair and came from youngsters from every location, in whatever form they decided to participate. The sentences that originated the illustrations are theirs. And without them the project wouldn't be like this. In any event, participation was limited compared to my expectation. Even so, we tried to provide them with the same experience we had when we illustrated the sentences. They tried out the process of the final product, even if in parallel. Those who were in Sardeal, for instance, worked on the linoleum with us.

CJ

Yes, that is a complicated process. When we're talking about the realm of art and working with “non-professionals”, there's a gap, because we have very specific backgrounds. Without working your fingers to the bone – an expression very much in use during Dentes de Leão –, it is hard to arrive at a shared place that pleases everyone. That's because we, as artists, have aesthetic and conceptual principles we wish to share, we want an exchange system between what we know and what “non-artists” know. In order for that to happen, we must have plenty of time or, as I see it, there have to be less people at a time. So as not to have situations in which we have to make a decision and take full control over the aesthetics, for example. It's not wrong, but we would've liked to have done it differently.

MA

I often feel counterintuitive. We always believe that anyone is capable of doing, that anyone is ready and available to create art, but “anything” can be irrelevant and unproductive. You need balance.

BP

Yes. It's not just a matter of ability, skill or understanding.



BP
Sim. Não é só uma questão de capacidade, de *skill* ou de apreender.

CJ
É mesmo uma construção contínua.

MA
Sim. Com eles, com outro tempo, já seria possível serem os jovens a desenvolver as imagens, mas com um pensamento crítico acerca do que estão realmente a fazer.

BP
Sim. E, aí, estamos a entrar num processo criativo que é diferente do “saber fazer algo”.

CJ
Também acho que, passando cada vez mais tempo, vamos perceber cada vez melhor os frutos que todo este processo deu. O que obviamente não foi um processo indiferente para ninguém. Se calhar, é mesmo preciso pensar a longo prazo.

BP
Sim, porque, a curto prazo, foi muito difícil [risos].

DOS DESAFIOS E DAS OPORTUNIDADES TRAZIDOS PELOS TERRITÓRIOS

MA
O Dentes de Leão começou com o questionamento de o que é arte participativa (para cada um) e de como é que um território pode estar representado numa obra artística. Lembro-me de, já na altura, pensar que, em qualquer situação, há sempre envolvimento do território. Acredito que o sítio onde crias vai sempre ser um contributo, mesmo que não seja explícito. Mesmo que não seja logo.

CJ
Para mim, continua a ser difícil pensar em território e comunidade. Ou seja, parece que essas palavras não têm uma ligação tão concreta com o que são os sítios, com o que são as pessoas. Não sei, acho que é relativamente fácil ter uma postura etnográfica, mesmo sem querer. Vem na esteira do que falávamos anteriormente: temos círculos muito diferentes, habitamos meios diferentes, temos formações diferentes, etc. Então, para isso não ser uma barreira e ser um ponto de construção em conjunto, é preciso tempo e disponibilidade. Tenho pensado muito nisto sem chegar a nenhum tipo de conclusão. No Sardoal, como estávamos fora das nossas zonas de residência, habitávamos muito a vila e, de facto, conhecemos muito melhor o território e a comunidade. E não só a comunidade expectável dentro do Dentes de Leão, de uma forma

CJ
It really is a continuous construction.

MA
Yes. With them, having more time, it would be possible for the youngsters to develop the images themselves, but critically thinking about what they're really doing.

BP
Yes. And there we're entering a creative process, which is not the same as “knowing how to do something”.

CJ
I also think that, as more and more time goes by, we'll understand the outcome of this whole process increasingly better. It clearly wasn't a process that left anyone unmoved. Perhaps you really need to think in the long term.

BP
Yes, because, in the short term, it was very difficult [laughter].

ON THE CHALLENGES AND OPPORTUNITIES BROUGHT BY THE TERRITORIES

MA
Dentes de Leão started by questioning what participatory art is (to every single person) and how a territory can be represented in an artistic work. I remember thinking already at the time that, in any situation, the territory is always involved. I believe the place where one creates will always add something, even if not in an explicit manner, and even if not immediately.

CJ
I still find it difficult to think about territory and community. That is to say, those words don't seem to have that much of a concrete relation to what those places are, to who those people are. I don't know. I think it is fairly easy to have an ethnographic attitude without even wanting to. It follows what we were discussing earlier: we move in very different circles, we live in different environments, we have different backgrounds, etc. So, in order for that not to be a barrier and rather something we build together, you need time and willingness. I've given this a lot of thought, and I haven't come to any conclusion. In Sardoal, since we were away from our areas of residence, we pretty much inhabited the village, and we did get to know the territory and the community a lot better. And not just the community one would expect within Dentes de Leão, in a normal way, with good and less good things. But that's part of socialising.

normal, com coisas boas e coisas menos boas. Mas faz parte de conviver.

MA
Eu acho que nem consigo distinguir um desafio de uma oportunidade. É difícil o exercício de analisar os prós e os contras.

BP
Para mim, havia sempre esta sensação, desde o início, de uma expectativa de nos relacionarmos com estas pessoas e estes lugares. O facto de os jovens estarem envolvidos – e são jovens destes lugares –, foi a ponte para me conseguir relacionar com este lugar. E era essa a minha expectativa e a minha forma de olhar para a participação dos jovens no projeto. O processo podia ter sido mais espontâneo, mas foi muito organizado à partida (com uma chamada aberta exclusiva para jovens, por exemplo). Creio que isso pode ter criado alguns entraves a trabalhar uma envolvimento mais direta e profunda com outras pessoas e com os sítios.

CJ
Eu, por acaso, achei interessante haver uma chamada aberta tanto para artistas como para as pessoas ditas “não-artistas”. Sabes, à partida, que as pessoas que estão ali querem estar ali, deram as suas razões. Eu sentia que eram muitas camadas às quais dar resposta: jovens, três grupos de jovens, de três territórios diferentes... Mais lidar com esses três territórios: Évora, Sardoal e Lisboa. Acrescenta-se ainda as comunidades desses territórios, mais o trabalho artístico, mais a participação, etc. Acho que foram muitas camadas e, daí, sentir-me mais perdida.

BP
Sim. Eu acho que, aqui, a principal questão até é o porquê de se querer que sejam jovens. E se tivesse sido uma chamada aberta, talvez mais direta, para todas as pessoas do Sardoal e não apenas para jovens? Será que haveria menos barreiras ao envolvimento?

DOS DESAFIOS, DAS OPORTUNIDADES... E DOS IMPACTOS

MA
Tinha uma expectativa performática com o projeto. Mas os locais de residência, as diferentes áreas de trabalho do grupo e o pouco tempo com os jovens conduziram a matéria do projeto. Foi um desafio/oportunidade e consigo ver uma grande e maravilhosa sequela disso no meu trabalho. Da minha experiência no Dentes de Leão, também destaco ter ficado com a Maria do Carmo no Sardoal. É algo que levo comigo com muito carinho.

MA
I don't think I can even tell the difference between a challenge and an opportunity. It's difficult to analyse the pros and cons.

BP
From the start, I always felt this expectation to relate to these people and these places. The youngsters being involved and coming from these places enabled me to relate to this place. And that was my expectation and the way I looked at the youngsters' participation in the project. The process could've been more spontaneous, but it was very organised in advance (with an open call exclusive to youngsters, for instance). I believe that may have caused some hindrances to working on a more direct and deeper engagement with other people and with the places.

CJ
I actually found it interesting that there was an open call to both artists and “non-artists”. You know in advance that the people who are there wish to be there, they have given their reasons. I felt there were many layers to respond to: youngsters, three groups of youngsters, from three different territories... Plus dealing with those territories: Évora, Sardoal and Lisbon. Also the communities from those territories, the artistic work, the participation, etc. I think there were many layers, and that's why I felt more lost.

BP
Yes. I think the main question here actually is why youngsters. What if it had been an open call, perhaps a more direct one, to everyone in Sardoal and not just youngsters? Would there have been less barriers to getting involved?

ON THE CHALLENGES, OPPORTUNITIES... AND IMPACTS

MA
I had a performing expectation with the project. The places of residence, the several areas where the group worked and the little time with the youngsters, however, led the substance of the project. It was a challenge/opportunity, and I can see the great and wonderful impact it has had in my work. In my experience in Dentes de Leão, I also point out having stayed with Maria do Carmo in Sardoal. That's something I'll treasure.

BP
When I enrolled, I thought I had never worked in participatory art projects, and I had no expectation aside from wanting to plunge in and understand what this experience of art meeting participation is

Detalhe de um dos baralhos oferecidos aos participantes no Fórum Dentes de Leão, na Culturgest, em Lisboa. Janeiro de 2023.
Detail from one of the deck of cards given to the participants during the Dentes de Leão Forum at Culturgest in Lisbon. January of 2023.
© Nuno Direitinho

BP

Quando me inscrevi, achava que nunca tinha trabalhado em projetos de artes participativas e não tinha nenhuma expectativa para além de querer mergulhar nisso e perceber que experiência é esta do encontro entre a arte e a participação. Concorro com a Maria. Hoje em dia, artisticamente, sinto-me muito rica nessa diversidade de formas de ver, de formas de trabalhar materiais, de modo de os pensar, que não só a partir do corpo.

CJ

O maior impacto foi mesmo a questão das relações humanas, a todos os níveis. Nunca tinha estado num projecto tão grande, em que é preciso contactar com tanta gente e tantos grupos de trabalho diferentes, com tantos géneros de afectos. Tem sido uma aprendizagem mesmo muito rica, tanto a nível afectivo como profissional – não separando necessariamente estas coisas. Pelo contrário, tens vários graus de afectos numa relação profissional. Se estás num projecto participativo, tens de acreditar no valor das relações afectivas. Acho que isso cria e promove diferentes tipos de relações.

BP

Nós ainda estamos a desenvolver o *Pareidolia* para o futuro, que era algo que não esperava ou tinha dificuldade em antecipar. Por isso, creio que a continuidade de um projeto que nasce no âmbito de uma proposta participativa é bastante importante, no sentido de não ser um projeto com um início e um fim calculáveis.

CJ

Acho que a minha resposta vai ser muito parecida à que dei no *Linha de Terra*. De momento, interessam-me mais coisas colaborativas do que participativas. Preciso de ir para grupos mais pequenos, mais restritos de certa forma. Onde haja menos variáveis envolvidas, porque, mesmo sem se querer, quando uma pessoa trabalha sozinha, já há variáveis que não se consegue prever. Interessa-me muito que as artes não sejam uma coisa fechada sobre si própria mas também me interessa fazer esse trabalho dentro de projectos “só” artísticos, perceber o que é que pode acontecer nessas colaborações. A participação não fica esquecida e acho que poderá acontecer, mas tenho mesmo vontade de fazê-lo com grupos muito mais pequenos e, se calhar, com menos ambições à partida, para que a coisa possa ser mais orgânica.

all about. I agree with Maria. I now artistically feel very rich with regard to that diversity of ways of looking, of ways of working the materials, of ways of thinking about them, not only based on the body.

CJ

The greatest impact really was the issue of human relations at every level. I had never taken part in such a large project, in which you must have contact with so many people and so many different work groups, with so many types of affections. It really has been a very rich learning both on an emotional and professional level (not necessarily separating the two). On the contrary, there are several degrees of affection in a professional relationship. If you're taking part in a participatory project, you must believe in the value of affective relationships. I believe that gives rise to and fosters different types of relationships.

BP

We are still developing Pareidolia for the future, which was something I didn't expect or had trouble anticipating. For that reason, I believe the continuity of a project that is born in the scope of a participatory proposal is quite important in the sense of not being a project with a calculable start and finish.

CJ

*I believe my answer is going to be very similar to the one I gave in *Linha de Terra*. For the moment, I'm more interested in collaborations than participations. I need to move to smaller groups that are more limited in a way. Where there are less variables involved, because even without wanting to, when one works alone, there are already variables one can't anticipate. I find it very important for arts not to turn in on themselves, but I'm also interested in carrying out that work within projects that are “nothing but” artistic, in understanding what can happen in those collaborations. I won't leave participation behind, and I think it will happen, but I really wish to do it with much smaller groups and perhaps with less ambitions to start with, so that it may be more organic.*